

Parque Ecológico para quem? O Caso do Parque Ecológico de Bodocongó em Campina Grande - PB

Suzane Bezerra Farias de Souza

Mestranda, UFPE, Brasil.
suzane.souza@ufpe.br

Mauro Normando Macêdo Barros Filho

Professor Doutor, UFCG, Brasil.
mbarrosfilho@gmail.com

Kainara Lira dos Anjos

Professora Doutora, UFCG, Brasil.
kainara.lira@professor.ufcg.edu.gov.br

Lizia Agra Villarim

Professora Mestre, UNINASSAU-CG, Brasil.
liziaagra@gmail.com

RESUMO

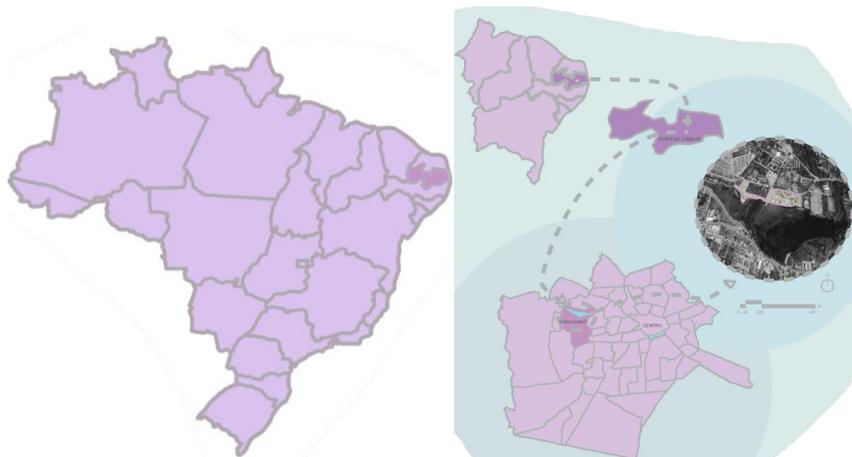
O Açude de Bodocongó, importante memória da cidade de Campina Grande, ganhou em 2017 um parque ecológico em suas margens em celebração aos 100 anos de sua construção. Foi fruto de um investimento milionário do governo da Paraíba em parceria com a prefeitura de Campina Grande e desde então sofre críticas principalmente sobre o alto valor investido em detrimento de sua aparente subutilização. Este trabalho busca entender mais sobre as características gerais do parque, analisando o programa de necessidades e a sua relação com o perfil dos usuários. O método utilizado foi a investigação por meio de análise morfológica, a fim de entender se ele atende às necessidades dos usuários, estando provido de urbanidade que é uma característica que leva os usuários a se apropriarem do espaço e, conseqüentemente, sua vitalidade, que seria a presença de pessoas em horários diversos utilizando o espaço. Como resultado foi constatado que o parque possui uma vasta variedade de equipamentos, especialmente esportivos, para diversas faixas etárias e vem melhorando a qualidade de vida tanto da vizinhança, como dos campinenses como um todo, ao mesmo tempo que precisa de melhorias em sua estrutura física, principalmente de manutenção. Por fim, busca-se com este trabalho, incentivar cada vez mais o lazer público, que apresenta uma inegável importância na sociedade, pois influencia diretamente na preservação do ambiente e no bem-estar da população. Além disso, encorajar as práticas sociais e esportivas que, muitas vezes, encontram-se em escassez e/ou em más condições de uso, repelindo ainda mais os usuários.

PALAVRAS-CHAVE: Parque Ecológico de Bodocongó. Espaço Livre Público. Vitalidade.

1 INTRODUÇÃO¹

O Espaço Livre Público (ELP) é de suma importância para o funcionamento da cidade, nele ocorrem relações interpessoais relacionadas às atividades como passear, brincar, contemplar, etc. Porém, apenas a existência dele não garante a sua utilização e apropriação pela população. Vários são os fatores que motivam as pessoas a saírem de suas residências em busca de momentos de lazer ao ar livre nos espaços livres públicos. No contexto atual, especialmente nas cidades brasileiras, nota-se a escassez e/ou abandono de ELP e áreas destinadas ao uso e lazer público, o que acaba por desestimular ainda mais a apropriação do espaço pela população. Isso também ocorre em Campina Grande.

Figura 1 – Mapa Localização Brasil, Nordeste, Paraíba, Campina Grande e Parque Ecológico de Bodocongó



Fonte: SOUZA (2021, p.15)

¹ O presente trabalho é uma adaptação do Trabalho de Conclusão de Curso de Suzane Bezerra Farias de Souza, apresentado e aprovado em 24 de maio de 2021, referente a obtenção do título de Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Buscando melhorias na qualidade de vida da população campinense e ribeirinha local, em 2017, ano em que o Açude de Bodocongó completou 100 anos de construção, a Rainha da Borborema foi contemplada com o projeto do Parque Ecológico de Bodocongó, um importante ELP situado às margens de um dos marcos da cidade: o Açude de Bodocongó. Está localizado na Zona Oeste da segunda cidade mais populosa do Estado da Paraíba, com população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 2021 em cerca de 400 mil pessoas.

A obra foi um investimento do governo da Paraíba em parceria com a prefeitura de Campina Grande e custou cerca de 35 milhões, sendo realizada em duas etapas de construção (2017 e 2018). O projeto urbanístico de aproximadamente 60 mil m², foi assinado pela arquiteta paraibana Sandra Moura e visou o resgate histórico da área. A construção tomou partido do potencial paisagístico do açude, importante memória local que impulsionou o surgimento do primeiro polo industrial em suas redondezas. Hoje, impulsionado pela requalificação da área, o local continua sendo um dos cartões-postais da cidade, assim como ponto de referência da população, ainda que por anos negligenciado pelas autoridades, ocasionando o acúmulo de dejetos e poluição de seu corpo d'água. O Parque Ecológico de Bodocongó ao mesmo tempo que dispõe de um caráter contemporâneo voltado para o lazer ativo, principalmente esportivo, busca seguir (pelo menos pela intenção implícita do seu nome) os conceitos de sustentabilidade, preservando a história e a vegetação do local, com áreas destinadas também ao lazer passivo, como de contemplação e convivência. Seu projeto buscou, por meio da variedade de equipamentos, atrair o público de diferentes grupos e faixas etárias. Porém, pelo seu alto investimento questiona-se se o parque atende as demandas da população, tendo em vista que aparentemente ainda é pouco utilizado e parte da população nem mesmo possui conhecimento de sua existência.

2 OBJETIVOS

O objetivo geral do trabalho é analisar as características físicas do Parque Ecológico de Bodocongó e dos usuários, verificando se ele atende as suas necessidades.

Dentre os objetivos específicos estão:

- (i) Analisar as plantas baixas e a eficiência do programa de necessidades do parque;
- (ii) Compreender as necessidades dos usuários;
- (iii) Indicar melhorias para que o parque atenda às necessidades dos usuários e promova o bem-estar social dos usuários.

Por fim, espera-se também que este trabalho possa disponibilizar informações a todos aqueles envolvidos na produção e manutenção deste parque. E sirva de parâmetro para futuras obras públicas e/ou manutenção das antigas.

3 METODOLOGIA

Como metodologia foram utilizadas técnicas de análises morfológicas com aplicação de 90 questionários divididos em *in loco* e *online*, além de entrevistas, análise de fotos, mapas e plantas baixas.

Inicialmente, para a obtenção de dados do Parque Ecológico de Bodocongó foram aplicados 45 questionários (*in loco*). Posteriormente, esse mesmo questionário foi aplicado e

respondido por mais 45 pessoas de maneira *online* pelo *Google Forms*, uma vez que na pandemia do *COVID-19*, o parque manteve-se fechado e a pesquisa foi iniciada um pouco antes desse período. Ao todo, os 90 questionários ajudaram a compreender melhor o público alvo, suas atividades exercidas, suas satisfações e insatisfações gerais quanto ao parque.

Nesta pesquisa foi utilizado o método quanti-qualitativo com a quantificação dos dados numéricos coletados nos questionários e a qualificação de maneira descritiva durante a análise do problema. Envolveu técnicas de coleta de dados padronizadas (questionário, observação), sendo necessário inicialmente um levantamento de dados primários (fotos, questionários e entrevistas) e secundários (plantas e demais documentos), além da necessária pesquisa bibliográfica para aprofundamento nos conceitos que foram analisados no parque e entendimento sobre a consolidação a área. Após esta etapa, foi feita a análise documental a partir de fotografias obtidas pelo *Google Earth* e dos demais dados.

O trabalho é um estudo empírico, hipotético-dedutivo ou seja, busca determinar ou testar uma teoria, no caso do objeto de estudo, seria se, esse é um investimento bem sucedido e atenderia às necessidades dos usuários, possuindo como uma das fontes de informações mais importantes, as entrevistas. Ele permitiu que os entrevistados expressassem as suas opiniões e impressões sobre o parque, permitindo então o entendimento do seu funcionamento, assim como as qualidades e os defeitos, para que uma vez documentados, pudessem ser elencados e cobradas melhorias dos responsáveis.

A seguir um organograma com as etapas do trabalho:

Figura 2 – Organograma etapas do trabalho



Fonte: SOUZA (2021, p.49)

Na primeira visita ao parque, foi feito um reconhecimento espacial, pela observação de equipamentos e pessoas. Nessa visita foram feitas algumas fotos para ajudar no reconhecimento e nas análises posteriores e foram colhidas algumas informações quanto à execução, manutenção e funcionamento do parque. Posteriormente, as plantas baixas do projeto executivo foram obtidas junto à Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (SUPLAN), por meio de solicitação feita por ofício. Ao analisá-las foi percebido que as plantas não estavam de acordo com o projeto executado e precisavam de atualizações, principalmente a planta da segunda fase, as quais foram feitas em seguida. Mesmo assim, todas as plantas serviram como base para análise morfológica do projeto.

As atualizações das plantas foram feitas por meio de redesenho (segunda fase) e/ou indicação em legenda (primeira e segunda fases). O redesenho da planta da segunda fase foi necessário por configurar um novo projeto, com diversas modificações da planta original obtida junto à SUPLAN. O da primeira fase, não foi necessário, por haver poucas mudanças estruturais, sendo a maioria mudança de uso, indicadas em legenda na planta original. No caso do redesenho, foi utilizado o método de sobreposição de linhas no *Autocad* a partir de uma imagem da área obtida pelo *Google Earth* (segunda fase), além de análise de fotos e conferência no local. Com o redesenho, houve também a necessidade de atualização da planta geral do parque (primeira e segunda fases), a qual também foi feita por sobreposição no *Autocad* com imagem do *Google Earth*.

O mapa base da cidade de Campina Grande utilizado foi o mapa elaborado pela Secretaria de Planejamento (SEPLAN) no ano de 2016. A arquiteta responsável Sandra Moura foi contatada por e-mail para sanar algumas dúvidas referentes ao projeto e as mudanças observadas entre o projeto entregue pela SUPLAN e o executado, porém não houve retorno.

Após isso, foi utilizado o método de nuvem de palavras, definidas de acordo com as questões subjetivas respondidas nos questionários sobre o que os usuários mais gostavam no parque, sobre o que os usuários não gostavam no parque e o que poderia melhorar no parque. Para isso, utilizou-se o aplicativo *Wordle*, uma ferramenta que cria nuvem de palavras de acordo com a repetição delas no texto. Todas as palavras respondidas pelos usuários nas três questões subjetivas do questionário foram transcritas para o programa e nuvens foram formadas com as palavras mais citadas e, conseqüentemente, mais destacadas. As palavras menos citadas ficaram em menor tamanho e menos destacadas, em ordem decrescente de citação.

Por fim, gráficos foram confeccionados a partir dos questionários aplicados, indicando o perfil dos usuários e as atividades exercidas no parque, além do nível de satisfação geral e quanto ao acesso, infraestrutura, conforto ambiental, limpeza/ conservação e segurança.

4 RESULTADOS

O parque Ecológico de Bodocongó se assemelha bastante ao conceito de parque ecológico de Macedo e Sakata, 2010:

O parque ecológico objetiva prioritariamente a conservação desse ou daquele recurso ambiental, como um banhado ou um bosque. E, paralelamente, possui áreas muito concentradas, voltadas para atividades de lazer ativo como jogos e recreação infantil, ao lado de áreas voltadas para o lazer passivo como caminhadas por trilhas bucólicas e esparsas. (MACEDO e SAKATA, 2010, p. 13)

Porém, ele peca no principal quesito: sustentabilidade, pois além de não ser feita a dragagem prevista do Açude de Bodocongó, tampouco utiliza captação e reaproveitamento de água da chuva, nem outras tecnologias de eficiência energética. Por outro lado, apesar desse equipamento possuir uma boa urbanidade, sendo estimulante à ocupação da população, que é definida por Aguiar (2012) como aquelas características - boas ou más - que vêm da cidade, desde a escala do edifício até a escala da cidade, ou seja, refere-se a uma cidade ou lugar que acolhe ou recebe as pessoas com civilidade, polidez e cortesia.

O parque, entretanto, não promove a vitalidade intensa do sítio, que seria a existência frequente e diversa de usuários utilizando o equipamento, a ocupação efetiva e regular do espaço, o que no caso desse espaço livre público ainda é incipiente.

Para sanar esse problema, de acordo com informações colhidas com funcionários e com os próprios usuários na visita de campo, apesar da população não ter participado ativamente da execução e das discussões do pré-projeto, existem ações do Estado que tentam promover essa aproximação e chamar a atenção para o parque. Visando o estímulo à vitalidade, principalmente durante o aniversário de sua inauguração, no mês de abril, o governo oferece diversos eventos para a população, tais como: oficinas de música, dança, duelo de *Hip Hop*, apresentações culturais, *shows* de artistas regionais, além de atendimentos odontológico, psicológico, médico, orientações jurídica e auxílio quanto à documentação do Sistema Nacional de Empregos (Sine). Esses eventos ocorrem a fim de estimular o uso e a ocupação do espaço com atividades de interesse geral. Além disso, nota-se que os usuários aprovam o parque, principalmente por ser um local agradável e com diversas atividades que podem ser desenvolvidas, dentre elas, as mais populares: caminhada, vôlei e futsal. Ainda segundo funcionários do parque, estima-se que cerca de 600 pessoas o visitam durante o fim de semana, período de maior utilização, e observa-se que esse número está crescendo cada vez mais, a partir do momento em que a população toma conhecimento de sua existência, pois segundo os funcionários, acredita-se que apenas 30% da população campinense teria ciência de sua existência no ano de 2021. Sobre o impacto do equipamento no lazer e na qualidade de vida dos usuários, segundo as entrevistas, o parque vem influenciando positivamente na qualidade de vida não só dos moradores da vizinhança, mas dos campinenses como um todo.

Figura 3 – Planta baixa 1ª fase Parque Ecológico de Bodocongó



Fonte: SOUZA (2021, p.55)

Figura 4 – Planta baixa 2ª fase Parque Ecológico de Bodocongó (proposta não executada)



Fonte: SOUZA (2021, p.56)

Figura 5 – Planta baixa 2ª fase Parque Ecológico de Bodocongó (proposta executada)



Fonte: SOUZA (2021, p.57)

Quanto à análise das plantas adquiridas junto à SUPLAN, percebe-se que na planta da primeira fase não há quase nenhuma modificação na estrutura física, sendo a mudança física apenas na localização do píer, cuja execução aconteceu na segunda fase. Quanto aos usos, houve mudança no local onde seria o depósito, que se tornou uma sala administrativa e o restaurante popular que leva o nome de refinaria, mas funciona como espaço para eventos corporativos, culturais e auditório. Ela ainda abriga aulas de música clássica do Projeto de Inclusão Social através da Música e das Artes (Prima), que há nove anos leva novas perspectivas a comunidades de grande risco social. A refinaria também abriga aulas de jiu-jitsu do treinamento da Força Regional, em parceria com o Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Na planta da segunda fase, percebe-se que o projeto do parque foi quase completamente modificado, principalmente quanto à estrutura física, pela implementação da pista de *bicicross* que, a pedido da Equipe Paraibana de *Bicicross* ao governo do Estado, foi construída com dimensões oficiais de competição, já que a do Parque da Criança não atendia a essas especificações. A pista de *bicicross* foi instalada no lugar da praça das esculturas e da quadra de tênis de saibro, e em parte do estacionamento que foi diminuído; mas

ainda assim atende à demanda dos usuários por não ser o único do parque. Outras modificações foram: a não execução da horta comunitária, do pavilhão multiuso, de *souvenir*, do bloco administrativo e do orquidário. As demais atividades foram realocadas como a quadra de vôlei, o *speedball*, e a academia popular. A área destinada a esta última, foi fragmentada em vários pontos do parque. Os únicos elementos que se mantiveram foram: o *playground*, ainda que não construído de areia, e a área de jogos de mesa. Em contrapartida, foram adicionados a pista de patins, a quadra poliesportiva e mais uma quadra de vôlei, além do píer. Basicamente, o único espaço que foi mantido na mesma localização prevista no projeto original foi o *playground*.

Quadro 1 – Programa de Necessidades

PROGRAMA DE NECESSIDADES	QUANTITATIVO
ACADEMIA POPULAR	5
ADMINISTRAÇÃO	1
ANFITEATRO	1
ÁREA DE CONVIVÊNCIA/ CONTEMPLAÇÃO	1
ÁREA JOGOS DE MESA	3
CAIXA D'ÁGUA/ CASA DE MÁQUINAS	1
ESPELHO D'ÁGUA	1
ESTACIONAMENTO	4
PIER	1
PISTA DE BICICROSS	1
PISTA DE CAMINHADA	1
PISTA DE PATINS	1
PISTA DE SKATE	1
PLAYGROUND	2
QUADRA BASQUETE DE RUA	2
QUADRA POLIESPORTIVA	3
QUADRA VÓLEI DE AREIA	4
QUIOSQUES ALIMENTAÇÃO	3
QUIOSQUES BANHEIROS PÚBLICOS	2
REFINARIA	1
SPEEDBALL	1
UNIDADE DE POLÍCIA SOLIDÁRIA (UPS)	1

TABELA 01: PROGRAMA DE NECESSIDADES PARQUE ECOLÓGICO DE BODOCONGO.
 FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA.

Fonte: SOUZA (2021, p.58)

Figura 6 – Mapa de zoneamento



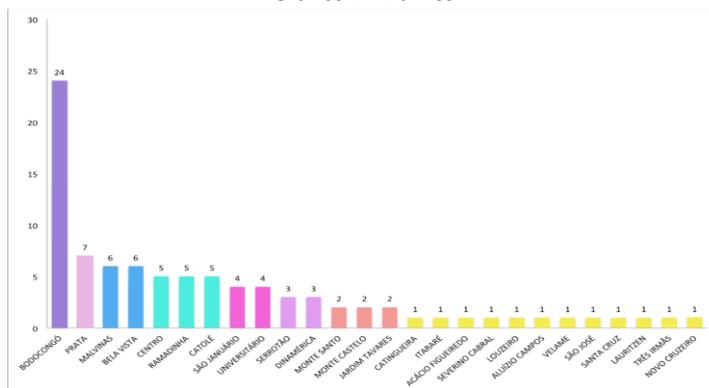
Fonte: SOUZA (2021, p.59)

O fato de o parque possuir horário de funcionamento específico, de 6 às 21 horas, restringe muito tanto a vitalidade do local em todos os horários, quanto à permeabilidade do parque com o entorno. Os gradis que circundam o parque, quando fechado, faz com que o

movimento da área circunvizinha também se esvaia. Sobre a permeabilidade dentro do parque, ainda que haja a ligação entre todas as suas áreas internas, percebido pelo zoneamento - onde estão agrupadas de acordo com as funções esportiva, administrativa, de alimentação, dentre outras - alguns entrevistados reclamaram das distâncias dos quiosques de apoio, como os de alimentação e de banheiros (além de muitas vezes estarem fechados), para alguns pontos dentro do parque. No mais, quanto à acessibilidade, o parque segue as normas previstas na NBR 9050 e apesar da topografia razoavelmente acidentada (com cerca de 10 metros de desnível em 115 metros de largura e desnível de 5 metros em 745 metros de comprimento), foi amenizada pela solução de construir taludes e patamares interligados por rampas de acesso, favorecendo a caminhabilidade dentro do parque. Apesar da acessibilidade não ser favorecida fora dos seus limites, devido à barreira física de gradil e à inexistência de calçadas, rampas e ciclovias em todo perímetro do açude.

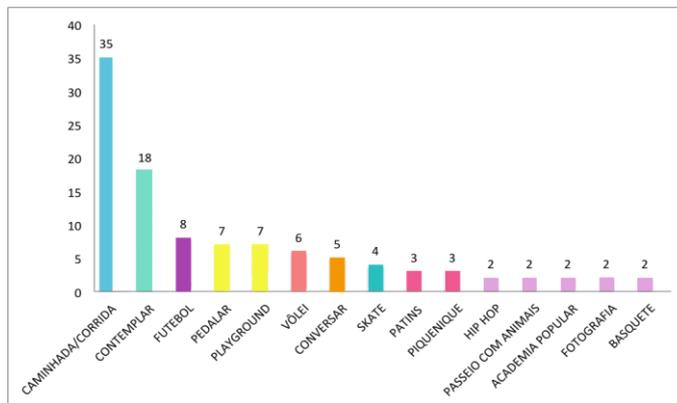
Com relação aos equipamentos do parque, uma das principais críticas é quanto ao espelho d'água, pensado como área de contemplação, porém, desativado pois a população carente utilizava-o como piscina. A existência desse equipamento é questionada uma vez que o parque está localizado ao lado de um corpo d'água considerável e ainda existir recorrência de crise hídrica na cidade, somado ao fato de sua água não ser reaproveitada, nem captada da chuva. Isso tudo influencia na conservação do parque, pois assim como neste equipamento, que não há reparo ou manutenção imediata, tampoco existe frequentemente nos demais, prejudicando a utilização do espaço pelos usuários.

Gráfico 1 – Bairros



Fonte: SOUZA (2021, p.66)

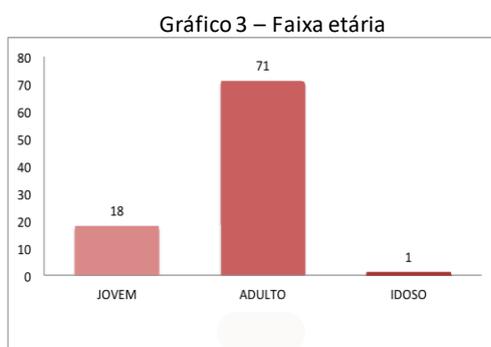
Gráfico 2 - Atividades



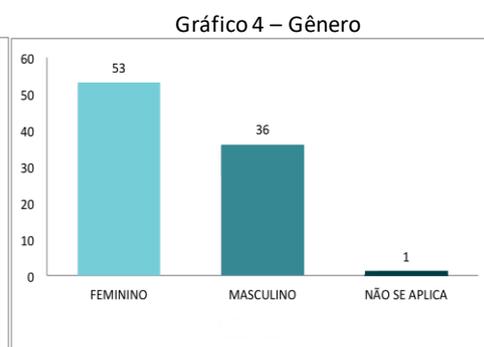
Fonte: SOUZA (2021, p.66)

Como esperado, a pesquisa mostrou que a maior parte dos usuários é do entorno do Parque Bodocongó, sendo 24 pessoas (26,67%) do Bairro de Bodocongó, seguido de 7 da Prata, 6 das Malvinas e Bela Vista e 5 do Centro e Ramadinha. Mas, a surpresa foi quanto à utilização do parque pelos usuários de bairros mais distantes como Catolé (5), Velame (1), Lauritzen (1), Louzeiro (1) e Itararé (1). No geral, os usuários vêm de diversos pontos da cidade e, embora a população vizinha seja a maioria, há uma heterogeneidade tanto na localidade dos usuários quanto nas atividades exercidas por eles (GRÁFICO 1).

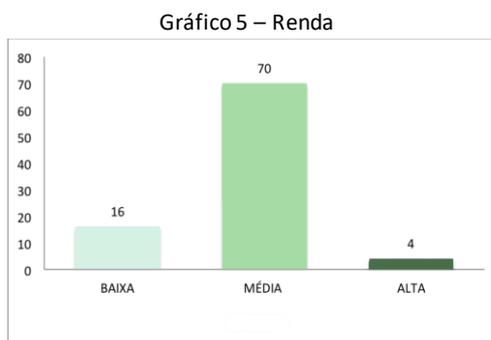
A caminhada/corrida foi a atividade mais exercida pelos frequentadores do parque, respondida por 35 pessoas de 90 entrevistados, seguida por contemplar (18), futebol (8), pedalar e brincar no *playground* com as crianças (7). Já as atividades menos realizadas foram: dança de *Hip Hop*, passeio com animais, academia popular, academia e basquete (2). Também foram citadas as seguintes atividades: vôlei, conversar (5), *skate* (4), patins (4) e piquenique (3). Os usuários indicaram que praticavam mais de uma atividade no parque, geralmente uma das opções era caminhada/corrida, contemplar e outra atividade diversa (GRÁFICO 2).



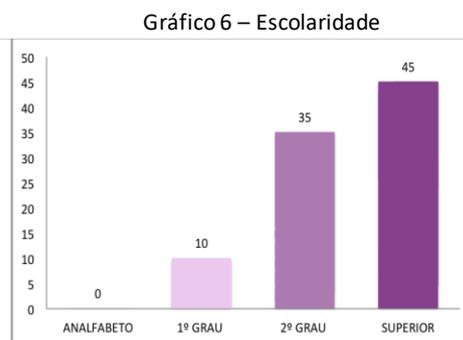
Fonte: SOUZA (2021, p.67)



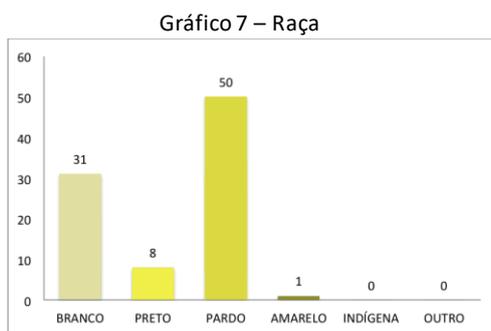
Fonte: SOUZA (2021, p.67)



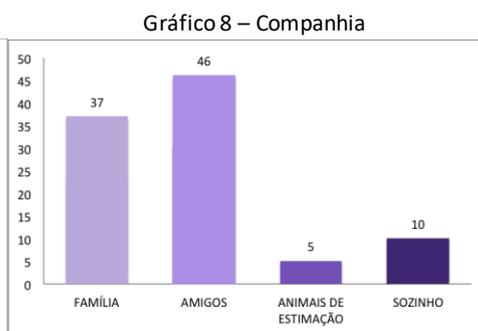
Fonte: SOUZA (2021, p.67)



Fonte: SOUZA (2021, p.67)



Fonte: SOUZA (2021, p.67)



Fonte: SOUZA (2021, p.67)

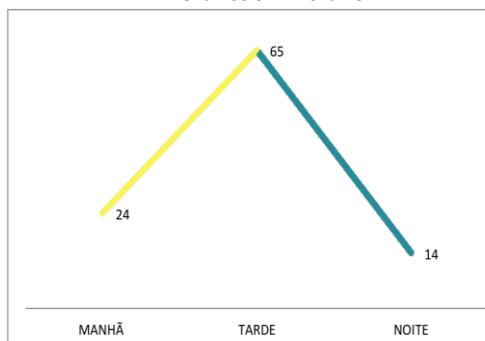
Quanto à faixa etária, o público entrevistado foi em sua maior parte adultos (dos 20 aos 59 anos) (71), seguido por jovens (até 19 anos) (18) e apenas 1 idoso (a partir dos 60 anos) (GRÁFICO 3).

Já quanto ao gênero, 53 pessoas entrevistadas foram do sexo feminino (58,89%) e 36 pessoas do sexo masculino (40%), sendo uma pessoa agênero (1,1%) (GRÁFICO 4). O fato de haver mais mulheres no espaço, segundo Gehl e Svarre (2013), é um fator que pode ser indicativo de segurança, pois - por serem mais vulneráveis - tendem a frequentar espaços mais seguros ou que transmitam essa sensação de segurança, assim como idosos e crianças. Essas últimas não foram entrevistadas, mas como brincar no *playground* foi uma das atividades mais citadas (7) pelos responsáveis, também é um bom indicador.

Com relação a renda (GRÁFICO 5), 16 pessoas (17,78%) consideraram-se como de baixa renda, 70 pessoas (77,78%) como sendo de renda média e 4 (4,44%) como sendo alta renda. Quanto à escolaridade, nenhum analfabeto (0%) foi entrevistado, 10 pessoas (11,11%) afirmaram ter 1º grau completo, 35 afirmaram terem o 2º grau completo (38,88%) e a metade dos entrevistados (50%) afirmou ter curso superior, somando 45 pessoas (GRÁFICO 6).

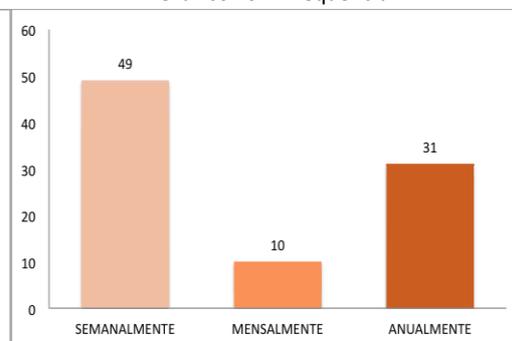
Sobre a raça dos entrevistados, mais da metade (55,55%) considera-se como pardo (50 pessoas), 31 pessoas brancas (34,44%), 8 pretos (8,88%) e 1 (1,11%) amarelo (GRÁFICO 7). Sobre a companhia de visita ao parque, a maior parte afirmou visitá-lo com os amigos (46 pessoas), seguido por aquelas que vão em família (37), 10 pessoas afirmaram ir sozinhas e 5 na companhia de animais. Algumas pessoas afirmaram ir com mais de uma opção, normalmente família e amigos (GRÁFICO 8).

Gráfico 9 – Horário



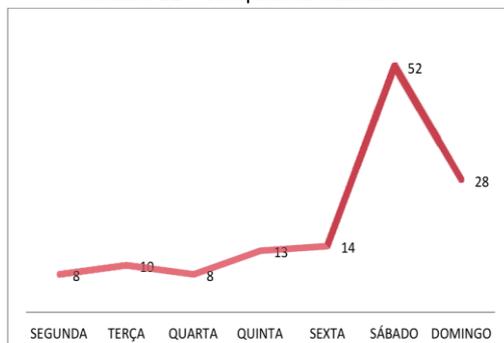
Fonte: SOUZA (2021, p.68)

Gráfico 10 – Frequência



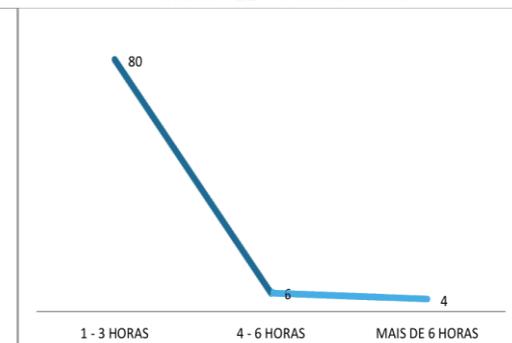
Fonte: SOUZA (2021, p.69)

Gráfico 11 – Frequência semanal



Fonte: SOUZA (2021, p.69)

Gráfico 12 – Permanência



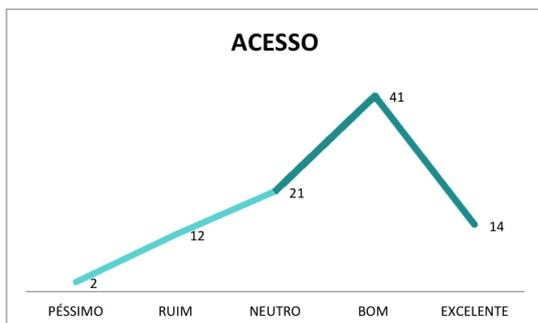
Fonte: SOUZA (2021, p.69)

Influenciado pelo sol e a falta de sombreamento, a maior parte dos usuários frequentam o parque na parte da tarde (65 pessoas) e pela manhã logo cedo (24 pessoas), a sensação de insegurança também inibe um pouco as pessoas de frequentarem o parque na parte da noite, com apenas 14 pessoas frequentando o parque nesse horário, a maior parte dos usuários frequenta pela parte da tarde e estende a permanência até a noite (GRÁFICO 9). Nas entrevistas feitas antes da pandemia, foi constatado que o problema da falta de sombreamento estava sendo resolvido com a implementação de mudas; 500 mudas foram plantadas, dentre elas: ipê, jacarandá, cacau, pingo de ouro e algumas palmeiras e para um futuro próximo previa-se o cultivo de mais 500 outras, criando assim a possibilidade de uma melhor ambiência futura com mais áreas de convivência e permanência.

Em relação à frequência, percebe-se que existe uma assiduidade dos usuários, pelo fato que 49 pessoas (54,44%) entrevistadas relataram que frequentam o parque semanalmente, enquanto 10 (11,11%) afirmaram que frequentam mensalmente e 31 (34,44%), anualmente, sendo o fim de semana o período de maior frequência e o sábado o ápice com 52 usuários, seguido pelo domingo com 28 pessoas e a sexta com 14. (GRÁFICO 10). Nas terças (10 pessoas) e quintas (13 pessoas), por possuir jogos de vôlei semanais, tem um pouco mais frequentadores que nas segundas e quartas (8). No quesito de frequência semanal, grande parte dos entrevistados afirmaram frequentar o parque mais de um dia na semana, principalmente os que participam de grupos de atividades como vôlei, basquete, *Hip Hop*, *skate*... que promovem encontros semanais para a prática das atividades (GRÁFICO 11). Quanto à permanência no parque (GRÁFICO 12), 80 pessoas (88,89%) afirmaram passar de 1-3 horas, enquanto 6 pessoas (6,66%) disseram passar de 4-6 horas e 4 pessoas (4,44%) mais de 6 horas. Portanto, o parque apresenta, em geral, uma brevidade na permanência e uma alta rotatividade de usuários, a não ser aqueles que praticam atividades em grupo como vôlei, *skate*, futsal e *Hip Hop*, que além da prática dessas atividades, exercem a prática social e passam mais tempo no local, em especial os skatistas que devido ao estilo de vida, costumam passar muito tempo em grupo.

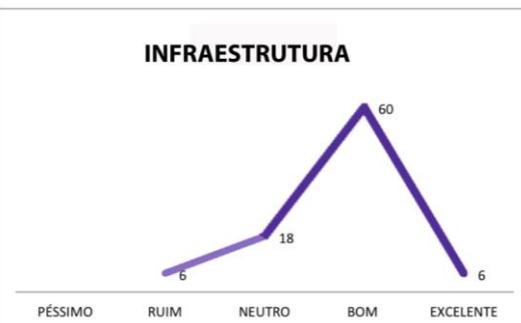
Alguns atributos gerais foram considerados para análise de opinião dos usuários, tais como: acesso, infraestrutura, conforto ambiental, segurança, limpeza/conservação e satisfação geral. A maior parte dos atributos foram considerados bons, incluindo o nível de satisfação geral, com exceção da segurança que foi considerada neutra.

Gráfico 13 – Acesso



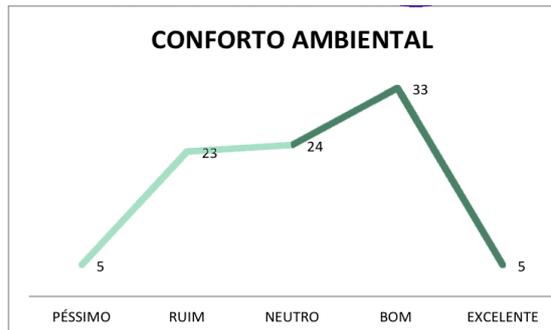
Fonte: SOUZA (2021, p.70)

Gráfico 14 - Infraestrutura



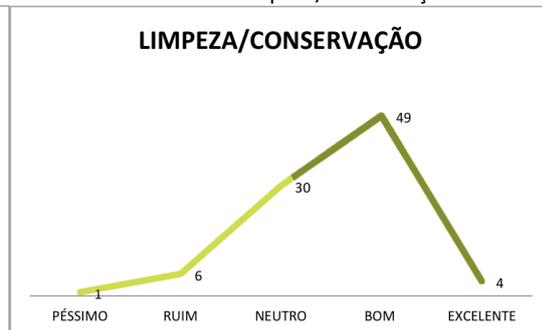
Fonte: SOUZA (2021, p.70)

Gráfico 15 – Conforto Ambiental



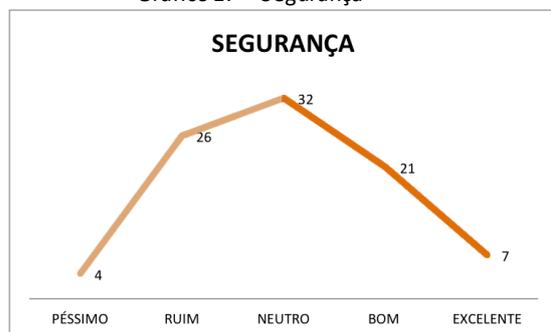
Fonte: SOUZA (2021, p.70)

Gráfico 16 – Limpeza/ Conservação



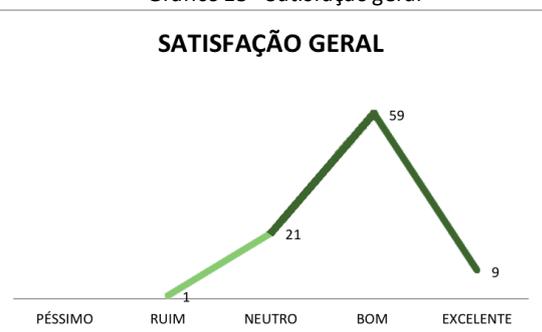
Fonte: SOUZA (2021, p.70)

Gráfico 17 – Segurança



Fonte: SOUZA (2021, p.70)

Gráfico 18 - Satisfação geral



Fonte: SOUZA (2021, p.71)

No quesito acesso ao parque (GRÁFICO 13), muitos reclamaram do acesso unicamente pela Rua Juvêncio Arruda, uma vez que é mal sinalizado e confuso, além do fato das quatro entradas (duas principais, uma secundária e uma da Unidade de Polícia Solidária) estarem todas voltadas para a mesma rua, na parte mais isolada do Açude de Bodocongó. Assim, a ligação pela ponte ao outro extremo do açude (sul) promoveria uma melhoria sendo mais uma opção de acesso, dessa vez pela via arterial Aprígio Veloso, uma das principais da cidade, sendo inclusive a rua onde fica o acesso principal da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). No entanto, como esta ponte não foi executada nem o restante do açude urbanizado para dar continuidade à sua orla, assim, o parque continua isolado e pouco integrado. Quanto à infraestrutura (GRÁFICO 14), o parque recebeu muitos elogios por contar com uma vasta área de quase 60 mil metros quadrados, muitos equipamentos urbanos variados e principalmente esportivos que não são encontrados em outros parques da cidade.

Quanto ao conforto, à segurança e à limpeza/conservação (GRÁFICOS 15, 16 e 17), esses foram os aspectos mais reclamados nas entrevistas. As maiores reclamações quanto ao conforto foram: a falta de arborização, de mobiliário (mesa e cadeira) em alguns pontos e de áreas sombreadas de convivência. No quesito segurança, as maiores queixas foram: a falta de ronda policial e de policiais à paisana, seguida do uso de drogas dentro do espaço. Quanto à limpeza/conservação, a principal crítica foi a falta de manutenção dos equipamentos, alguns pichados e deteriorados, mesmo a limpeza acontecendo diariamente pelos funcionários do parque.

O nível de satisfação geral (GRÁFICO 18) foi bom, uma vez que a infraestrutura pesou positivamente nas respostas dos usuários, enquanto o conforto, a segurança e a conservação

pesaram negativamente, mas de maneira que não influenciaram nem impediram a assiduidade dos usuários, uma vez que o conforto ambiental era minimizado por eles ao escolherem horários de sol mais brando, assim como a insegurança e a falta de conservação não chegavam a inibir os usuários de frequentarem o espaço. O acesso, para os que já foram alguma vez ou frequentam bastante, também não é um fator limitador, uma vez que o parque possui duas linhas de ônibus que passam na rua de acesso e estacionamento próprio para os que vão em condução própria.

Figura 7 -Nuvem de palavras preferências



Fonte: SOUZA (2021, p.73)

Figura 8 -Nuvem de palavras insatisfações



Fonte: SOUZA (2021, p.74)

Figura 9 - Nuvem de palavras melhorias



Fonte: SOUZA (2021, p.75)

No questionário foi pedido para os usuários escreverem o que mais gostavam no parque, o que não gostavam e o que poderia melhorar. As nuvens de palavras apresentadas acima apontam as principais qualidades, defeitos e melhorias que poderiam ocorrer no parque em ordem hierárquica de importância, em maior destaque de acordo com as respostas dos usuários. Dentre as qualidades mais citadas estão: o espaço físico; a infraestrutura, como quadras e área esportiva; o potencial paisagístico de onde está inserido, às margens do açude; a ambiência no geral; e a conexão com o meio ambiente e a natureza. Dentre os defeitos mais citados, destacam-se aqueles relacionados ao conforto térmico e ambiental, tais como: a falta de sombreamento e arborização, além da poluição do açude. Quanto à infraestrutura, a principal queixa foi sobre a falta de bebedouros e de manutenção nos equipamentos em geral e principalmente no *playground*. A sensação de insegurança também foi bastante citada e o uso de drogas nas dependências do parque. Já com relação as melhorias, além das citadas (segurança, arborização e manutenção), as pessoas sugeriram também melhorias na parte da área de alimentação, uma vez que a mesma só possui três quiosques, que normalmente não estão em funcionamento e em área de topografia mais elevada, ficando isolada do restante do parque, onde acontecem as atividades. Os banheiros também foram citados por serem apenas em dois quiosques (dois femininos e dois masculinos, um de cada em cada quiosque) e por estarem, geralmente, fechados devido aos furtos dos seus utensílios.

3 CONCLUSÃO²

De acordo com o programa de necessidades, observa-se de fato uma grande variedade de equipamentos, de diversos tipos e para diversas faixas etárias, o que contribui para que haja pessoas de diferentes idades realizando várias atividades diversas simultaneamente, estimulando assim a vitalidade urbana. Há a necessidade de melhorias na urbanidade, para que o estímulo à ocupação seja ainda maior, principalmente sombreamento por arborização e áreas de descanso e contemplação com cobertas, para que os espaços abertos se tornem mais agradáveis principalmente com sol e chuva. Outro ponto importante a ser melhorado é a falta de manutenção nos mobiliários urbanos, que é uma das maiores reclamações dos usuários, além da falta de segurança física relatada. Ainda assim, a população entrevistada, em sua maioria, está satisfeita e utiliza o Parque Ecológico de Bodocongó para momentos de lazer ao ar livre e relata melhora na qualidade de vida e bem-estar, impulsionados principalmente pelo caráter esportivo do parque. Esse equipamento, ainda que pouco divulgado e conhecido, vem melhorando a qualidade de vida principalmente dos moradores de Bodocongó, mas não só deles, de toda população campinense. Cabe às autoridades uma maior divulgação e comprometimento com a segurança e manutenção para que haja um maior alcance e número de pessoas beneficiadas.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Douglas. Urbanidade e a qualidade da cidade. **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Letra & Imagem, 2012.

BARROS FILHO, M. *et al.* Áreas Urbanas em Beira D'Água: Análise de Integração com o Açude de Bodocongó com a Cidade de Campina Grande, PB. In: **XV Congresso de Iniciação Científica da UFCG**, Campina Grande, 2019.

GEHL, J. **Cidade Para Pessoas**. Tradução: Anita di Marco. 2.ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GEHL, J.; SVARRE, B. **A Vida Na Cidade: Como Estudar**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo do IBGE, 2010**. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/panorama>>. Acesso em: 24 abr. de 2023.

LAMAS, José M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 3a ed., 2004.

MACEDO, S. S. **Parques Urbanos no Brasil = Brazilian Urban Parks** / Silvío Soares Macedo e Francine Gramacho Sakata – 2.ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial da Universidade de São Paulo, 2003 – [Coleção Quapá].

SILVA, H. A.; & BARROS FILHO, M. N. M. **Espaços Livres Públicos E Privados Em Campina Grande/PB**. III Encontro Da Associação Nacional De Pesquisa E Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo, São Paulo, 2014.

SOUZA, S. B. F. **Parque Ecológico para Quem? Uma Análise Morfológica e Comportamental do Parque de Bodocongó**. 2021. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande – PB, 2021.

² Os resultados descritos foram fruto de um trabalho realizado antes do período da pandemia. Durante a pandemia, o parque ficou fechado e sem manutenção. Ainda hoje, apesar de voltar a funcionar, o espaço sofre os impactos desse período.